

PRIMEIROS MANEJOS NO ATAQUE DE ÁGUA-VIVA

Congresso Brasileiro Digital de Atualização em Pediatria, 1ª edição, de 30/08/2021 a 02/09/2021
ISBN dos Anais: 978-65-89908-93-7

MACEDO; Marcos Henrique Rocha Garcez¹, LIMA; Emanuely de Paula², DANTAS; Leonardo Martins³, RAMOS; Amanda Agra⁴

RESUMO

As medusas de forma livre, conhecidas popularmente como águas-vivas, apresentam como mecanismo de defesa as cnidas, estruturas semelhantes a agulhas, que ao entrar em contato com a pele humana injetam sua peçonha urticante, liberando nematocistos. No mundo estima-se que aconteçam cerca de 150 milhões de acidentes por cnidários, com áreas como a do Oceano Pacífico e do Sul do Brasil registrando cerca de 1000 casos diários em uma única praia. No Brasil, é cada vez mais comum a ocorrência desses acidentes, devido à maior temperatura da água, há aproximação dos animais para o litoral e consequente interação com o ser humano. Uma vez que os cnidários são um dos animais mais peçonhentos, causando envenenamento com lesões na pele e anafilaxia, sendo um agravo de notificação compulsória. O objetivo primário é conhecer o manejo inicial mais efetivo para acidentes com águas-vivas. O presente trabalho é um estudo qualitativo, realizado a partir de uma revisão de literatura em agosto de 2021, utilizando as bases de dados Google Acadêmico, Scielo e PubMed. Foram selecionados 9 artigos, com publicações entre 2008 e 2021, para análise e leitura na íntegra, além da Nota técnica de Vigilância dos Acidentes por Cnidários de Importância Médica da Secretaria de Saúde do Governo do Estado do Ceará. Os principais sinais e sintomas citados são eritema, edema e dor na lesão de pele com formato de impressões dos tentáculos; há relatos de casos mais graves com cefaleia, mal estar, náuseas, espasmos musculares, febre e arritmias cardíacas. A sintomatologia e o desfecho do envenenamento dependem da extensão da lesão e quantidade de nematocistos rompidos, o que está diretamente relacionado ao tempo de exposição ao veneno, logo alguns casos podem chegar a anafilaxia e óbito devido a maior descarga. Para a sobrevivência da vítima, é de extrema importância o manejo inicial correto, sendo o mais recomendado e com mais efetividade o suporte básico de vida, a retirada dos tentáculos aderidos à pele usando luvas e pinças, a lavagem da lesão com água do mar, sendo fundamental a não utilização de água doce ou fricção da lesão, devido ao risco de aumentar a intoxicação. Além disso, o mais recomendado é desativar o veneno local aplicando ácido acético a 5% na lesão por pelo menos 30 minutos, retirar os nematocistos com bicarbonato de sódio e, por fim, fazer compressas frias com água do mar ou bolsa de gelo na lesão e utilizar corticóides tópicos para redução dos sintomas inflamatórios locais. Em casos mais graves e com anafilaxia, faz-se necessária a utilização de adrenalina subcutânea ou intramuscular e corticóide intravenosa, além de encaminhamento para pronto socorro. Conclui-se, então, que diversos pacientes sofrem acidentes com água-viva, frequentemente, todos os anos, porém, felizmente, a maioria deles não necessita de intervenção. Contudo, apesar da divergência na literatura quanto à conduta, é necessário conhecer os primeiros manejos mais efetivos nesse tipo de ocorrência, para minimizar os sintomas, a progressão dos danos causados pelas toxinas e desfechos desfavoráveis.

PALAVRAS-CHAVE: jellyfish, medusa, manejo, água-viva

¹ Unichristus, marcosmacedou@gmail.com

² Unichristus, emanuelypaula8@gmail.com

³ Unichristus, leonardo_m_dantas@hotmail.com

⁴ Unichristus, amandaagrar@hotmail.com